

# CRÔNICA DE COSTUMES E REGIONALISMO EM *A DIVINA PASTORA*<sup>1</sup>

Maria Bernadete Salvador Schwalb

Escalar um muro é um problema, até o momento em que nele se apóia uma escada. (Roberto Calasso)

A proposta de um estudo sobre o livro *A Divina Pastora* de Caldre e Fião, gerou uma certa apreensão, uma vez que este romance, além de ser o primeiro escrito entre os gaúchos, esteve desaparecido por 145 anos. Assim, analisar o livro deste romancista hoje, depois de tanto tempo em que esteve esquecido, é de fato um desafio.

Este trabalho apresenta-se dividido em duas partes: na primeira será analisada a "novela rio-grandense" – como o próprio autor a intitula – na qual estão configurados hábitos e costumes dos porto-alegrenses do século passado através de uma técnica que se assemelha ao folhetim;<sup>2</sup> na segunda parte serão estudados os elementos constitutivos do nacionalismo romântico: indianismo e regionalismo. O primeiro como delineador da figura do gaúcho "encetando o regionalismo rio-grandense, pioneiro entre os regionalismos nacionais."<sup>3</sup> O segundo, ainda incipiente no romance, configura-se pelo tipo rio-grandense, que surge na ficção brasileira através de uma narrativa a partir da qual "guascas e vaqueanos cruzarão o pampa em todas as direções; e será prolífica a sua descendência, quer se leia a saga de Blau Nunes ou as tropelias de Cambarás e Amarais."<sup>4</sup>

## PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- CLEMENTE, Ir. Elvo. *Leitura & Crítica Literária*. 1990, 185p. Coletânea de ensaios do autor abordando a teoria e a prática da crítica literária, em co-edição com a Livraria Editora Acadêmica Ltda.
- \_\_\_\_\_. *Carlos Santos: uma biografia*. 1994, 144p.
- HOFFELDT, Antonio. *Peles Veredas da Literatura Brasileira*. 1994, 209p. A obra reúne sete ensaios realizados em épocas diversas, nos últimos cinco anos, que têm pelo menos uma coisa em comum: a preocupação do autor em reacionar o texto literário com o contexto da realidade brasileira imediata.
- LACERDA, César de. *O Monarca da Coxilhas*. 1991, 143p. De nacionalidade portuguesa, o autor, este misto de dramaturgo e comerciante, em viagem ao Brasil, escreveu uma peça focalizando o homem e a vida numa região que tanto interesse lhe havia despertado: o Rio Grande do Sul. Em co-edição com IEL.
- LOPES, Paulo Corrêa. *Obras poéticas*. 2ª edição revisada. 1991, 194p. Bibliografia sobre a obra do autor e os seus dados biográficos. Em co-edição com IEL/FAPERGS.
- MOREIRA, Alice Campos. *Obras Poéticas lobo da Costa*. 1992, 294p. Edição crítica. Consiste na tese de doutorado da autora que marca o centenário do falecimento de Francisco Lobo da Costa. A obra mostra não só a vibração do gênio espontâneo, como o artesanato do poema dentro da matemática e modelos daquela época, e o amante de sua terra e de sua gente. Em co-edição com IEL/FAPERGS.
- SANTOS, Volmir. *Apostamentos de Literatura Gaúcha*. 1990, 120p. A obra tem como objetivo apresentar, de forma sistemática, o percurso histórico da literatura feita no RS, expondo, sumariamente, os fundamentos que dão origem a determinadas criações estéticas. Em co-edição com Sagra - D.C. Luzzatto Editores.
- TUBINO, Soares. *Anteminhã*. 1992, 75p. Poesias. Publicação do autor.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 PORTO ALEGRE - RS

BRASIL

FONE: (051) 339-1511 Ramal: 3323

FAX: (051) 339-1564

<sup>1</sup> CALDRE E FIÃO, José Antonio do Vale. *A divina pastora*. Porto Alegre: RBS, 1922. Todas as citações que se seguem referentes a esta edição serão seguidas da(s) página(s) correspondente(s).

<sup>2</sup> Conforme Antonio Candido, folhetim é "um artigo de rodapé sobre as questões do dia – políticos, sociais, artísticos, literários".

<sup>3</sup> ZILBERMAN, Regina et al. *O Partenon Literário: poesia e prosa – Antologia*. Porto Alegre: EST/ICP, 1980. p. 37.

<sup>4</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. Op. cit. p. 15.

Caldre e Fião publicou *A divina pastora*, na primeira metade do século XIX, no ano de 1847, época em que chegavam ao Brasil as novelas de folhetins, publicadas semanalmente nos jornais e reunidas em volume mais tarde. O folhetim – originário da França – aportou no Rio de Janeiro, em outubro de 1838, através do "Jornal do Comércio". Nas páginas deste jornal era publicada essa "nova forma de ficção, um gênero novo de romance, (...) o filé mignon do jornal, grande isca para segurar os indispensáveis assinantes".<sup>5</sup>

A primeira novela traduzida para o português e publicada no "Jornal do Comércio" foi *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas (pai), que a escreveu de propósito para o corte folhetinesco.<sup>6</sup> A partir desses textos importados, apareceram vários textos de autores nacionais, principalmente para que aquele espaço do jornal destinado às traduções, fosse preenchido. Esses textos já mostravam as festas e os hábitos do povo, e alguns tinham até um certo sotaque regional.<sup>7</sup> Em 1844, surge *A moreninha*, primeiro romance brasileiro, também publicado sob forma de folhetim.

O modelo francês da nova forma funcional – o folhetim – serviu de "laboratório para jovens brasileiros candidatos a escritores"<sup>8</sup> e influenciou a nova narrativa que se constituía de um "vivo quadro de usos, situações, comportamentos, comentários do cotidiano, contraste com o jeito canhestro dos primeiros textos com veleidades literárias".<sup>9</sup>

A partir destes dados, podemos situar Caldre e Fião, com *A divina pastora*, segundo romance brasileiro e primeiro escrito entre os autores rio-grandenses. O "patriarca das letras gaúchas"<sup>10</sup> publicou o seu livro na corte imperial, onde sofreu, sem dúvida, todas as influências da época. O autor gaúcho usou, para o seu romance, o subtítulo *novela rio-grandense*, o que, segundo Flávio Loureiro Chaves<sup>11</sup> foi de maneira intencional.

Caldre e Fião desenrola sua narrativa através de episódios que podem ser lidos separadamente, como capítulos independentes, feitos uma

<sup>5</sup> BOLETIM BIBLIOGRÁFICO. Biblioteca Mario de Andrade. São Paulo, v. 46, n. 1/4, jan./dez. 1985. p. 20.

<sup>6</sup> Id. p. 29.

<sup>7</sup> Entre 23 e 25 de fevereiro de 1839 foi escrito no *Jornal do Comércio*, o texto "A ressurreição do amor: Crônica Rio Grandense, por Hum Rio-Grandense que trocou o salto do Guayba pelo aderno do Paraíba." O autor deste texto não foi identificado, mas, de acordo com Marlyse Meyer, "há real sotaque regional, tratamento em 2ª pessoa, hábitos da roça, festa e Imperador do Divino." (p. 29, *Boletim Bibliográfico*, nota 8).

<sup>8</sup> *Boletim Bibliográfico*. Op. cit. p. 39.

<sup>9</sup> Id. op. cit. p. 40.

<sup>10</sup> Foi como Guilhermino César chamou Caldre e Fião em reportagem no *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo* de 10-10-81.

<sup>11</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. Op. cit. p. 9.

novela, em que "cada segmento corresponde a um episódio", conforme Massaud Moisés.<sup>12</sup> O próprio autor do romance dá o nome "Os episódios", por exemplo, à quarta parte do tomo um. Nos capítulos, há inserções narrativas, nas quais inúmeros assuntos são abordados, indicando que o autor utilizou o romance como desculpa para dizer coisas, veicular idéias ou passar informações. *A divina pastora* constitui-se de vários temas e mostra na sua trama:

Intriga passionai, crônica de um amor infeliz, novela regionalista, reflexão moral, narrativa histórica (...) e inaugura a forma híbrida através da qual o romance viria a participar ativamente na vida social.<sup>13</sup>

Dentre os aspectos abordados no romance, o primeiro que se pode verificar trata dos costumes da sociedade burguesa cristã, onde a família representava o "centro da luta para reformar os hábitos da moral".<sup>14</sup> Em *A divina pastora*, pode-se perceber uma cena em que:

Por entre o gozo do manjar simples e delicado, um salmo da sagrada Bíblia e um conto de moral verdadeira são recitados por Paulo; nunca as tristes recordações vem perturbar-lhes as fontes serenas. (p. 25)

Através da religião, a sociedade poderia ser "reformada", os crimes seriam banidos e a felicidade seria semeada "nesta morada terrestre". O narrador pergunta:

Qual será o ente humano que ignore os deveres da criatura para o seu criador e que possa ser bom filho, bom pai e bom cidadão? (p. 25)

A eterna luta do bem e do mal está inserida neste romance, através de conselhos do narrador que se misturam aos comentários do escritor, causando uma certa fragilidade na narrativa. Percebe-se que essas intromissões do escritor servem para transmitir mensagens explícitas, o que caracteriza a antecipação de Caldre e Fião em relação ao romance brasileiro, pois esse aspecto só viria aparecer na literatura a partir dos anos 50 e 60 no século passado.

Por meio de descrições sobre o ambiente em que as cenas se desenrolam, o narrador apresenta os hábitos da família, cujas tarefas são bem delimitadas, cabendo ao homem e à mulher papéis específicos.

Em *A história da vida privada*, Catherine Hall diz que já naquela época, início do século XIX, acreditava-se que o homem e a mulher "nas-

<sup>12</sup> MOISES, Mnuissaud. *A criação literária*. Prosa. São Paulo: Cultrix, 1987. p. 60.

<sup>13</sup> CHAVES, Flávio Loureiro de. Op. cit. p. 17.

<sup>14</sup> PERROT, Michelle. *História da vida privada*, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 57

ciam para ocupar esferas diversas, regra ditada pela natureza e corroborada pelo costume e pelas relações sociais".<sup>15</sup>

Em *A divina pastora*, Edélia, personagem principal, filha de Paulo e Margarida, "ocupa-se das disposições do almoço; nada falta, tudo o seu gênio providente tem calculado". (p.25) Este era ordenado pela mãe, de cujo papel dependiam as doçuras da vida dos que participavam do seu círculo, bem ao gosto da sociedade burguesa, principalmente da primeira metade do século XIX.

Se o romance da época era "capaz de contribuir para os costumes sociais",<sup>16</sup> no Brasil ou em qualquer outro país ocidental, o de Caldre e Fião não fugiu à regra. 'Virtude', por exemplo, é uma das palavras que tem maior destaque no texto, ao ponto de "O Auxiliador da Indústria Nacional", jornal do Rio de Janeiro, de 1948, resenhar:

Saiu à luz esta interessante novela brasileira, onde se lê a descrição dos habitantes e costumes dos povos do Rio Grande do Sul, e de muitas cenas domésticas em que a virtude aparece sempre triunfante, vestida com os trajes da religião cristã, e o vídeo açoutado pelo castigo de Deus.<sup>17</sup>

Um costume que se pode observar nas páginas do romance diz respeito aos serões. Estes, muito comuns no século passado, constituíam-se de reuniões em que participavam os membros da família, um ou outro amigo ou visitante e até os serviçais – escravos aqui no Brasil – que podiam partilhar um momento de reunião com os seus senhores. Esses serões, no romance, estão marcados por episódios narrativos, entre os quais o mais relevante é o contado por Susana, a escrava da família. A personagem inicia com a frase: "Era em um tempo já muito antigo..." (p. 88)

Pode-se observar que é uma sentença característica das narrativas orais, nas quais são contados *causos* ou lendas. No romance, os serões acontecem sempre à noite e no inverno. Mircea Eliade, em *Mito e realidade*, diz que algumas narrativas mitológicas só podem ser contadas nestas condições. A recitação dessas narrativas é comparada a um poderoso sortilégio.<sup>18</sup>

Em *A divina pastora*, antecede à narração da lenda um certo clima de mistério preparado pelo narrador; este inicia "Os Episódios" com a sentença típica das narrativas orais que confirma os aspectos citados por Mircea Eliade:

<sup>15</sup> PERROT, Michelle. Op. cit. p. 59.

<sup>16</sup> PERROT, Michelle. Op. cit. p. 12.

<sup>17</sup> Este jornal foi localizado por Fernando Marcos Ronna no Museu de Comunicação Social da SEC – nº 11, abril de 1948, Nova Série v. II, e foi citado por Guilhermino César em "O Patriarca das letras gaúchas", reportagem do Caderno de Sábado, do *Correio do Povo* de 10-10-81.

<sup>18</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 15.

Era uma noite de julho, fria e gelada, cuja atmosfera escura e nebulosa simulava os mistérios dos pináculos escalfados da região boreal. Em uma sala espaçosa (...) cujas paredes de tijolos refletiam a luz baça e sombria de uma lâmpada, estavam algumas pessoas (...) mostrando em suas faces um anelo de novidade e de misteriosas emoções. (p. 87)

Outros países também cultivam os serões, como bem se observa em *A história da vida privada*:

Em Milly, em setembro de 1806, madame Lamartine joga xadrez com o marido, enquanto os filhos brincam e aprendem fábulas de La Fontaine. A leitura em voz alta é um prazer que se compartilha com as crianças. Mas os serões da família, são, acima de tudo, o tempo da 'conversa íntima' e do 'junto à lareira'.<sup>19</sup>

Em *A divina pastora*, o narrador cita o *Eda*, narrativa escandinava que remonta à cosmogonia. Em nota de rodapé, o autor explica essa lenda, uma espécie de alusão aos primórdios da terra gaúcha que também presenciou a luta do "bom" com o "mau princípio", para constituir-se verdadeiramente como povo.

As narrativas menores inseridas em "Os Episódios", configuram uma das características do Romantismo: através das lendas sobre índios, o narrador tenta resgatar um passado mítico, para mostrar que o Brasil era o paraíso, mas foi destruído pelos imigrantes europeus:

Meus filhos! Quando eu (...) contemplava essas timbaúvas e cedros (...) tinha uma idéia dolorosa – o extermínio das gerações primitivas do continente americano.

Os primeiros povos americanos (...) viviam em plácida paz no gozo dos bens que a natureza lhes tinha destinado e sofreram de estranhos povos europeus (...) as mais cruentas e vis perseguições. (p. 95)

Este aspecto abordado no romance através do costume dos serões, revela a ideologia da corrente nacionalista romântica, nascida das preocupações em torno da Independência e, conseqüentemente da necessidade de fixação de elementos nacionais mais característicos.<sup>20</sup> Se o presente não está bom porque é oprimido pelas instituições, o Romantismo recupera o passado. *A divina pastora* recupera um passado quase presente – A Revolução Farroupilha – e um passado bem mais remoto, que se refere ao povo indígena, habitante primitivo da terra rio-grandense.

Mas há ainda que se considerar, no precursor romance gaúcho, outros aspectos que denotam as características tanto daquele movimento literário, como aspectos que compõem o esquema novelesco.

<sup>19</sup> PERROT, Michelle. Op. cit. p. 210.

<sup>20</sup> CITTELI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 1987. p. 47.

Entre estes últimos, há aqueles que se referem especificamente aos hábitos do povo gaúcho, muito mencionados nas páginas de *A divina pastora*. "Caldre e Fião tratou de configurar o Rio Grande do Sul e sua capital, oferecendo aos círculos intelectuais da corte imperial um cenário até aí absolutamente desconhecido na literatura brasileira", conforme Flávio Loureiro Chaves.<sup>21</sup> Foi a partir dos românticos que se começaram a fixar "pessoas",<sup>22</sup> e o autor gaúcho já o faz – no segundo romance brasileiro – de uma forma que se aproxima do realismo, enquanto configuração do tipo do gaúcho e dos seus hábitos.

O cavalo, por exemplo, aparece no romance, como peça importante para o gaúcho, que mais tarde recebeu o epíteto de "centauro dos pampas", pela combinação do homem e cavalo, ambos amalgamados num só elemento:

Ouvia-se o trote de um cavalo (...) cavalgado por um jovem (...) que conhecíamos pelo nome de Almênio, o bravo tenente republicano (...) No horror dos combates ele tinha seguido o impulso de seu dono; (...) igual a seus irmãos, alimentado pela saborosa grama dos campos do sul, que exercitava nas bélicas lides; e manso nos prazeres tinha-se tomado por seu gênio uma necessidade de seu dono. Almênio o amava (...). Almênio era rio-grandense e cavalo é o melhor presente que a natureza fez ao rio-grandense. (p. 29)

Dos hábitos gaúchos, podem ser verificados, também, aqueles que se referem à alimentação, cujas propriedades fazem do rio-grandense um homem vigoroso, conforme as palavras do narrador:

Almênio descansou enquanto Clarinda (...) punha o almoço sobre a mesa, que compunha-se de *churrasco* (grifo do autor), de um frango ensopado, de algumas ervas, de abóbora com leite e do indispensável mate. Era uma refeição frugal, um alimento rio-grandense e que vigora os músculos e toma dos que dele usam fortes e sensíveis. (p. 80)

Sobre o vigor dos gaúchos, Caldre e Fião faz praticamente a mesma descrição de Nicolau Dreys em sua *Notícia descritiva da Província de São Pedro do Sul*:

a alimentação abundante e succulenta (...) fizeram do rio-grandense das várzeas e das coxilhas um ser psicologicamente vigoroso, deram-lhe ao físico, em geral, relevos de cultura clássica. (p. 172-173)

Nas duas citações há uma diferença quanto aos adjetivos "frugal" (em Caldre e Fião) e "abundante e succulenta" (em Nicolau Dreys), para caracterizar a alimentação. Para o primeiro, a alimentação "frugal", sinôni-

<sup>21</sup> CHAVES, Flávio Loureiro. Op. cit. p. 9.

<sup>22</sup> BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984. p. 145.

mo de modesta, ou "que se contenta com pouco";<sup>23</sup> para o segundo, a alimentação é farta, mas os dois concordam que é a alimentação do gaúcho que o faz forte e vigoroso. Aspecto que Auguste de Saint-Hilaire também percebeu e registrou em seu livro *Viagem ao Rio Grande do Sul*.<sup>24</sup>

Além do hábito de comer carne assada – que aparece pela primeira vez na literatura sob a designação de *churrasco* – aparece, também, o costume de tomar mate, palavra que surge grifada pelo autor, com o intuito de caracterizar o hábito gaúcho:

Neste momento Clarinda voltava do interior da casa, onde tinha penetrado durante a conversação, trazendo em suas mãos uma prateada cuia de *precioso mate* (grifo do autor); ela obedecia aos usos do país hospitaleiro que recebera em seu seio sua exilada família. Almênio recebendo a cuia das mãos de sua hóspede, mostrava um donaire cavalheiresco tão natural ao *monarca das coxilhas* (grifo do autor) rio-grandenses. (p. 35).

Este trecho mostra, claramente, como o costume foi tanto propagado no meio do povo local, como assimilado por estrangeiros que para o Rio Grande do Sul vieram.

As danças também despontam em *A divina pastora*, caracterizando os bailes da roça, que o autor destaca como fandango. Nesses bailes, pessoas do campo ou da cidade se encontram numa espécie de configuração das reuniões sociais em que:

Dois longas e fornecidas mesas (...) ofereciam agradável refeição a um numeroso grupo de pessoas (...): uma onde se apinhavam a *rapaziada* e aqueles que gostavam de mais liberdade e do som de uma bem tocada viola (...) e a outra onde estavam aqueles que gostavam de etiqueta e que a tomavam por um dever social. (p. 205)

Neste trecho, percebe-se uma identificação com o texto de Joaquim Manoel de Macedo, *A moreninha*, em que também vigoram os aspectos da crônica de costumes:

Em um *sarau* (grifo do autor) todo mundo tem o que fazer: O diplomata ajusta, com um copo de champanha nas mãos, os mais intrincados negócios (...). O velho lembra dos minuetos e das cantigas do seu tempo e o moço goza todos os regalos de sua época.<sup>25</sup>

*Sarau* no Rio de Janeiro, *fandango* na Província de São Pedro, ambos constituem um aspecto importante enquanto representação da sociedade. Caldre e Fião e Joaquim Manuel de Macedo, como romancistas, foram também cronistas, pois:

<sup>23</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

<sup>24</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

<sup>25</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d. p. 132.

Os primeiros romancistas não deixaram de ser cronistas, haja vista – seus romances urbanos ou de costumes – que não deixavam de ser o evoluir natural da crônica.<sup>26</sup>

Em geral, as características apresentadas nestes textos mostram a forma como "os gêneros crônica e romance fundiram-se, uma vez que ambos apareciam nos jornais com o nome de folhetim".<sup>27</sup>

Quanto aos outros costumes, há muitas palavras que são representativas deles. Elas aparecem grifadas e algumas vezes explicadas pelo autor em nota de rodapé. Entre elas estão: guaiaca, poncho, campanha, chiru, beijos, bombeiros, estância e chilenas. Todos inseridos no vocabulário sul-rio-grandense e caracterizam objetos ou lugares próprios da região.

## 2 – CALDRE E FIÃO – UM PRECURSOR DO REGIONALISMO

Se o romantismo no Brasil nasceu marcado pelas inquietações em torno da autonomia política e, como consequência, pela afirmação de características da nacionalidade, como quer Adilson Citelli,<sup>28</sup> tornou-se necessário, então, para os românticos da primeira geração, exprimir "a seu modo, os temas, problemas e sentimentos da jovem nação".<sup>29</sup>

Enquanto nacionalismo, o que havia de mais significativo dizia respeito à natureza "concebida em sua dinâmica mítica, capaz de expressar a idéia de gestação, origem".<sup>30</sup> Com os índios, então, a identidade nacional poderia ser afirmada, uma vez que eles configuravam o primitivismo brasileiro.

O Romantismo brasileiro tem origem na França e, conforme Antonio Candido, os brasileiros, sob influência de franceses em visita ao Brasil, tomaram as sugestões dos autores estrangeiros para aproveitamento de temas locais. Assim, a disposição de afirmação de nacionalidade impulsionou o grupo da revista *Niterói*, "marco inicial do nacionalismo literário do tipo romântico".<sup>31</sup> Esta revista reunia, em Paris, Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre, Pereira da Silva e Torres Homem, grupo cuja literatura tinha caráter de "literatura empenhada", devido ao comprometimento com o índio.<sup>32</sup>

<sup>26</sup> MARTINS, Dileta Silveira. *História e tipologia da crônica do Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado da PUCRS, p. 16.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> CITELLI, Adilson. Op. cit. p. 46.

<sup>29</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1957. p. 285.

<sup>30</sup> CITELLI, Adilson. Op. cit. p. 47.

<sup>31</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit. p. 203.

<sup>32</sup> Idem.

Antonio Candido mostra que George Le Gentil considera a obra de Ferdinand Denis, *Cenas da natureza nos trópicos*, "um marco na formação do nosso Romantismo".<sup>33</sup> Para Le Gentil, o Romantismo é sinônimo de indianismo, cuja fonte estaria nos poemas de Durão (Caramuru) e de Basílio (Uruguai). Nos dois poemas observam-se a "cor local" e "o aproveitamento das particularidades naturais da terra americana, as paixões da raça indígena, num ambiente distinto do europeu".<sup>34</sup>

Se o Romantismo é sinônimo de indianismo e este de nacionalismo, então há necessidade de ser original, o que acarreta abordar temas literários referentes à natureza, à história e aos personagens primitivos do país, porque:

nacional é o espaço brasileiro, (...) nacional é também a história do país, os hábitos do seu povo, as tradições, os grupos étnicos componentes da nação; nacional é pois, um critério capaz de ser regente em todo o território e sobre o qual a literatura deve se apoiar.<sup>35</sup>

Neste contexto, o índio transforma-se no símbolo de expressividade do Romantismo brasileiro e o indianismo passa, então, a ser uma das maiores manifestações do nacionalismo romântico, que desponta em 1836, com *Suspiros poéticos e saudades* (poesias), de Gonçalves de Magalhães.

Em relação à prosa, tem-se fixado como marco do indianismo, *O guarani* (1857), de José de Alencar. Não obstante, Caldre e Fião, em 1847, apresenta em sua narrativa, elementos que configuram a presença dessa vertente – desenvolvida posteriormente por José de Alencar – a qual evoluiria para o regionalismo, tendo em vista os critérios apontados na citação acima.

Em "Os Episódios", há a história dos indígenas Kajururá e Balcaí, na qual se observa a intenção do autor em demonstrar que sua literatura estava comprometida com os moldes românticos da primeira geração; o narrador volta ao passado primitivo, aponta a liberdade do povo e os temas locais em detrimento dos clássicos. Tudo isso marcado por uma atitude de condenação aos "usurpadores" da Pátria – jesuítas e governo português – que em prol da civilização, acarretam "a destruição de um povo inteiro ainda mais o mais numeroso e bem regido da terra". (p. 122)

Percebe-se que há uma mescla de culturas no episódio dos indígenas, tanto o índio assimilando a cultura do branco colonizador, como este recebendo a herança do nativo. Este aspecto José de Alencar demonstraria dez anos mais tarde, em *O guarani*. Caldre e Fião, através da personagem Fontoura, dá uma visão do interior da "casinha" do casal aborígene:

<sup>33</sup> Id. p. 283.

<sup>34</sup> MOREIRA, Maria Eunice. Op. cit. p. 34.

<sup>35</sup> Id. p. 283.

depois olhei para as alfaias que adornavam e vi dois grandes carcazes piches de flexas pendurados na parede por grossas cordas de embira, uma carabina presa a um prego pelo gatilho, uma espada, duas pistolas, um arco, um laço (...). O resto da casa compunha-se de uma sala de jantar, onde estavam espalhados os arreios e aperos de cavalos e três quartos, cada um com seu catre e uma ou duas cadeiras de sola. (p. 116-117)

Alencar também descreve o interior da casa da família Mariz:

nada mais loução que esta alcova, em que os brocatéis de seda se confundiam com as lindas penas de nossas aves, enlaçadas em grinaldas e festões para a orla do teto e pela cúpula do cortinado de um jeito colocado sobre um tapete de pele de animais selvagens.<sup>36</sup>

A fusão de elementos culturais em Caldre e Fião – e presente em José de Alencar também – revela como o indianismo deu impulso ao regionalismo na literatura sul-rio-grandense, ainda que estas vertentes sejam apresentadas de forma ainda incipiente, no romance do "patriarca das letras gaúchas".

Não se pode negar que Caldre e Fião tenha impulsionado o surgimento do caráter regional, nem mesmo que ele tenha inspirado outros escritores gaúchos a trilhar por esse caminho, seja através de *A divina pastora*, seja por intermédio de *O corsário* – este com maior influência – ou de seus poemas, muitos dos quais impressos nas páginas da *Revista Mensal do Partenon Literário*.<sup>37</sup>

Estes aspectos podem ser observados se se atentar para as palavras de Regina Zilberman que afirma:

é a partir do indianismo que se desenhará a figura do gaúcho, encetando o regionalismo rio-grandense, pioneiro entre os regionalismos nacionais.<sup>38</sup>

O índio foi sendo substituído pelos tipos regionais que foram dar no sertanejo, no cangaceiro e no gaúcho, aqui no sul. Fato que Caldre e Fião tem o mérito de ter semeado, uma vez que se pode perceber, na sua narrativa, elementos que contribuem para isso. Através do amálgama de culturas, o autor aponta para a formação do tipo do gaúcho, a partir do elemento indígena, este como transmissor de muitos costumes ao povo sul-rio-grandense: desde o hábito de tomar mate, o uso dos utensílios como o laço e a boleadeira, até o amor pela liberdade.

O gaúcho, segundo João Cezimbra Jacques, formou-se "originariamente do contato da raça branca com os indígenas (...) com o gosto tão ge-

<sup>36</sup> ALENCAR, José Maritímio de. *O guaraní*. São Paulo: Ática, 1975. p. 13.

<sup>37</sup> Revista Mensal da Sociedade Partenon Literário, em Porto Alegre, Múcio Teixeira e outros.

<sup>38</sup> ZILBERMAN, Regina. Op. cit. p. 37.

ral de uma vida fácil e de perfeita liberdade"<sup>39</sup> Para este autor, a aproximação com os índios originou os habitantes da Província.

Carlos Reverbél também diz que o índio legou sua herança ao gaúcho e que, até 1619, a população rio-grandense era exclusivamente indígena; mais tarde "o homem do campo mudou, entrando na pele do 'monarca das coxilhas'.<sup>40</sup>

O texto de Caldre e Fião apresenta, como já vimos, esse aspecto de transposição da cultura indígena para um incipiente e precursor regionalismo. Pode-se verificar isso, mais claramente, se for feito um levantamento das palavras grifadas pelo autor. Como primeiro exemplo, pode-se tomar a palavra *caboclo*, aposto de João, personagem de "Os Episódios" (p. 87). Este termo vem do tupi "kari'boka, procedente do branco". Significa tanto "mestiço de branco com índio", como "antiga denominação do indígena", ou ainda a "personificação e divinização de tribos indígenas segundo o modelo dos cultos populares de origem africana, paramentada, porém, com os trajes cerimoniais dos antigos tupis".

Outras palavras grifadas por Caldre e Fião derivam de vocabulário indígena também: *jerivá*, *capão*, *timbaúva*, *jundiá*, *butiá*. Há outras como *piraguá*, que vem do caraíba, povo das Antilhas, Guiana; *guaiaca* originária do quíchua e *poncho* vem do araucano, família lingüística indígena.

Vê-se, portanto, que, se Caldre e Fião "não chegou a influir decisivamente a ficção rio-grandense da segunda metade do século XIX", nem pode ter incluído o seu nome na corrente regionalista (como quer Guilhermino César),<sup>41</sup> ele tem o mérito de ter sido o precursor do romance no Rio Grande do Sul, além de ter percebido prematuramente, até – o valor de uma literatura preocupada com os aspectos de sua terra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo seu desaparecimento, por longos 145 anos, e resurgimento quase no final do século XX – como se tivesse sido congelado – o romance de Caldre e Fião precisa ser redescoberto. Ele apresenta alguns defeitos de estrutura não raros entre os romances iniciadores da literatura brasileira. Mas o romance desse período servia mais como interpretação da sociedade do que como expressão artística de alto nível.

<sup>39</sup> JACQUES, João Cezimbra. *Costumes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979. p. 56.

<sup>40</sup> REVERBEL, Carlos. *O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande do Sul e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L & PM, 1986. p. 86-87.

<sup>41</sup> CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

Apesar de conter estes problemas e outros mais, *A divina pastora* é um livro que merece ser lido, pelo seu caráter inaugural e pelo repertório de idéias que representa. Ele é um verdadeiro documento da época e transporta o leitor para a vida da capital gaúcha da primeira metade do século XIX.

Pode-se dizer que Caldre e Fião, com seu romance inaugural, é precursor não só por tratar-se do autor do primeiro romance gaúcho, mas também porque insere pela primeira vez na literatura brasileira, vários elementos novos: 1 – trata de um fato relevante da História, a Revolução Farroupilha; 2 – aborda o tema da escravidão, que em prosa surgiu antes mesmo de *A cabana do pai Tomás* (1852), de autor norte-americano – obra importante na Guerra de Secessão e abolição da escravatura; 3 – dá um final para a personagem principal, diferente daquele comum à corrente romântica: Edélia nem fica com o grande amor da vida dela, nem se isola num convento ou busca a morte; a personagem retira-se para o campo e vai viver em companhia dos pobres, tornando-se pastora dessas almas desafortunadas. Retirar-se para o campo pode significar um repúdio à vida frívola e superficial da capital, onde uma sociedade burguesa inicia seu desenvolvimento.